

Psicologia cubana atua no cotidiano popular

LINA DE ALBUQUERQUE

O inconsciente, maior fundamento da psicanálise freudiana, não é palavra fácil de ser encontrada nos manuais de psicologia cubana. Mas a figura do psicólogo é tão presente e popular no cotidiano do país como a do médico ou a do professor, contam os professores de Psicologia da Universidade de Havana, que participam do seminário sobre saúde mental na América Latina, na Fundação Getúlio Vargas, nos dias 13 e 14 de julho. Até os diagnósticos nos casos de tratamento de diabéticos ou cardíacos atualmente são feitos em conjunto por médicos e psicólogos.

Há quatro anos, por exemplo, um psicólogo entrou na sala de operação, ao lado de um cirurgião, para acompanhar o primeiro transplante de coração realizado em Cuba. "Ele não só apoiou o paciente nos momentos que sucederam à operação, como já havia participado do diagnóstico inicial e até hoje continua em contato com o transplantado", assegura o psicólogo Fernando Gonzalez. Em Cuba existem hoje cerca de 1.800 psicólogos, formados pela Universidade de Havana ou pela de Santa Clara. Todos recebem uma orientação marxista, o que equivale a dizer que o indivíduo é sempre analisado sob a ótica do social.

Psicólogos são encontrados nas fábricas, escolas, ou prestando assistência a grupos com tendência a obesidade ou aos sedentários. "O trabalho de prevenção é até mais importante que a assistência clínica", comenta o psicólogo Eduardo Cairo. "Para cada 18 médicos de família, existe hoje um psicólogo", diz ele. A terapia pode ser individual ou em grupo, mas quem determina a escolha nunca é o paciente, mas o diagnós-

tico médico-psicológico. O estabelecimento da duração do tempo de uma sessão clínica — que no Brasil, com exceção do "tempo variável" instituído pelos adeptos de Lacan, fica em torno dos tradicionais 50 minutos — também não faz sentido algum para os cubanos. "O tratamento dura o tempo que for necessário", resume o psicólogo Manuel Caluiño.

Antes da revolução de 1959, os psicólogos cubanos eram formados principalmente pela extinta Universidade Católica, e as suas discussões descantavam para o terreno da filosofia, com especial atenção às idéias de Santo Thomas de Aquino que viveu no século XIII. Os profissionais de linha psicanalítica, por seu lado, faziam seus estudos fora do país. "A revolução afastou essas duas categorias de psicólogos para Miami, nos Estados Unidos", afirma o psicólogo Juan José Guevara.

Como não há tradição no ensino da psicologia no país, muitos cubanos se especializaram na União Soviética ou na Alemanha Oriental. "Só mesmo na década de 80 é que realmente começamos a falar numa psicologia cubana", aponta Cairo. "Trata-se de uma atuação muito prática, cujo objetivo é integrar o indivíduo com o seu meio social."

Segundo ele, como nos outros países do mundo, a neurose é a maior enfermidade mental em Cuba. Os psicólogos em visita ao Brasil, porém, mostram uma posição defensiva quando questionados se, de algum modo, o sistema político não poderia gerar alguma espécie de conflito psicológico, como por exemplo, uma frustração causada pelo impedimento do cubano sair de seu país. "E o favelado brasileiro por acaso viaja para fora?", reage Gonzalez, sem responder a pergunta.